

Gravação: ep01_violoncelo_vimeo_2.0

Duração: [00:26:10]

Legenda	Descrição
(- comentário aqui)	Comentários do transcritor, exemplo (- risos)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde inicia uma fala
(inint) [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahãm, uhum	Interjeição de afirmação, concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Orador A	Marcos Suzano
Orador B	Não identificado
Orador C	Não identificado.

Início da Transcrição [00:00:01]

Orador A: “O Som e o silêncio” é uma série com protagonistas da música brasileira. De um lado, os artesãos que dominam a arte da fabricação dos instrumentos; do outro, os músicos que encantam as plateias. Como se dá essa parceria, essa busca pelo som ideal? Essa é a pergunta que eu, Marcos Suzano, músico e percussionista, pretendo investigar. Hoje é o dia do violoncelo. (música instrumental) [00:01:13] [00:01:26]

Orador B: Esse meu instrumento é, é a realização de um sonho de infância, porque não é um instrumento comum. O Carlos Jorge topou fazer um instrumento que não existe, que é um cello de cinco cordas. Normalmente o cello tem quatro só, né? E eu, desde que comecei a tocar, que tinha esse sonho de expandir os horizontes, né? Porque, porque por mais ilimitado que seja sempre tem um limite, né? Que é a própria constituição mecânica do instrumento. E eu tocava com as guitarras e os saxofones e queria uma corda mais aguda pra poder, pra poder me colocar pau a pau com eles, né? Assim, nos improvisos e tal. Aí sempre pensei num instrumento assim. Aí depois com o passar do tempo, depois do instrumento já existindo, as circunstâncias

acabaram me levando pro grave, mais pro grave. E dizem, talvez, foi um poeta que disse isso, mas eu adoto totalmente que as moléculas da madeira conforme o som vai vibrando elas vão se harmonizando, então isso faz com que o som abra, que o som melhore, né? Então, hoje, ele já tá começando a falar. Eu cheguei lá em Belo Horizonte, no Palácio das Artes, onde era o ateliê dele quando, quando eu fui fazer a encomenda. Ele falou, “pois é, eu tenho uma madeira aqui, que já tá aqui há uns vinte anos pronta pra fazer um violoncelo” era um, e aí me mostrou um naco de madeira dessa grossura assim encostado na parede. Falou “Ah e comprei isso na Alemanha há uns vinte anos atrás e ela já tinha sido secada por vinte e cinco anos num ambiente propício, né? Que é a preparação pras madeiras que vão virar instrumentos e tal e essa madeira eu comprei pra um grande amigo meu que era violoncelista da Orquestra Sinfônica de Minas e eu ia fazer esse instrumento pra ele, só que ele faleceu”. Esse amigo dele se chamava Marco Antônio Araújo, e foi o compositor da primeira trilha do Grupo Corpo e foi meu único aluno de violoncelo na vida. E aí ele ganhou um prêmio de composição e foi festejar, morreu de overdose, e esse instrumento tem um, um adesivo aqui dentro, tem uma, Carlos Jorge de Oliveira à Marco Antônio Araújo. Quer dizer, é um instrumento dedicado ao meu único aluno de violoncelo e é meu. (música instrumental) [00:04:44] [00:05:47]

Orador A: Ele é lindo demais, né?

Orador C: Aqui é meu lugar de trabalho. Na realidade eu faço uma luteria muito tradicional.

Orador A: Isso.

Orador C: Eu trabalho nos moldes da luteria antiga

Orador A: Antiga, é

Orador C: lá do século dezoito, século dezesete,

Orador A: Ahã.

Orador C: Essa coisa bem tradicional, o meu trabalho é

Orador A: As ferramentas

Orador C: cem por cento feito à mão, eu não trabalho com nada pré-fabricado, eu faço tudinho a mão. Voluta, tampo.

Orador A: Tudo.

Orador C: Aquela, aquela coisa bem ortodoxa, vamos dizer assim.

Orador A: Certo.

Orador C: No caso do Jaques Morelenbaum, ele chegou no final dos anos oitenta na minha oficina com um desafio.

Orador A: Ahã

Orador C: “Eu gostaria de saber se você faria um violoncelo de cinco cordas”. Eu falei assim sem titubear “Eu aceito o desafio”

Orador A: Muito bom.

Orador C: Vamos ver o que que acontece, né? E comecei a trabalhar no projeto, eu tive que elaborar o projeto, porque ele teria que comportar mais uma corda, né? Ou uma corda mais grave, ou uma corda mais aguda, então eu fiz todo um projeto baseado no meu conhecimento, né? Naquilo que eu entendia que poderia ser um instrumento de cinco cordas e assim eu fiz. E eu sou muito feliz por ter atendido ele, né? E ter conseguido superar esse desafio de fazer um instrumento de cinco cordas, dentro, pra atender as necessidades dele, né?

Orador A: Claro.

Orador C: Do Jaques, né? Acontece muito de ter uma sinergia entre o músico e

Orador A: É, e o instrumento, é.

Orador C: e o instrumento, né?

Orador A: É incrível.

Orador C: Às vezes, acontece de a pessoa ter um grande instrumento, mas não se ajeita com ele. Então, às vezes não basta

Orador A: Ter o nome.

Orador C: Ter um prestígio assim, né? Tem que ter um instrumento que atenda às necessidades do músico, o jeito dele tocar e tal. (música instrumental) [00:07:35] [00:07:51] Aqui tem

madeira pra uma parte do violoncelo, tem aqui um estoque bom pra, madeira pra violinos, violas, né? Pra formas e pra base que já comecei, que eu tô seguindo. Aqui eu tô fazendo um violoncelo.

Orador A: Um violoncelo, né?

Orador C: É. Isso é pra um músico de São Paulo. Agora eu vou fazer dois instrumentos, um pra a Alemanha, eu vou fazer um pra, pra Noruega, eventualmente, eu faço trabalhos pro exterior. Eu comecei a fazer luteria, meus primeiros trabalhos, foi no princípio dos anos setenta, mas éramos poucos. De lá pra cá muita coisa mudou.

Orador A: Muita.

Orador C: Muita gente inseriu na profissão, né? Mas a gente vê bons profissionais. Eu já vi trabalhos aqui que são muito bons. A tradição se cria, né? A tradição se cria. Ela não vem do nada, né?

Orador: A: É, exatamente.

Orador C: É com muito esforço, é com o tempo.

Orador A: Intercâmbio, por exemplo,

Orador C: Intercâmbio.

Orador A: Tem mais músicos estrangeiros...

Orador C: A gente, devagarzinho, conseguindo colocar os trabalhos fora do Brasil, pra ter o reconhecimento internacional. Então, até hoje, é, pra pessoa se afirmar no mercado é preciso que venha o fulano de tal lá da Rússia, e mostre que seu trabalho é bom. Que vem lá dos Estados Unidos, que vem da Europa, né?

Orador A: Exatamente.

Orador C: Então, a gente tem que vencer um pouquinho essa síndrome do vira-lata.

Orador A: É, isso aí é...

Orador C: E saber que, que a gente pode fazer coisa muito boa. Tem madeiras aqui fantásticas.

Essa madeira eu comprei na França.

Orador A: Uhum.

Orador C: Essa aqui é pra fazer o fundo. E tem os, tem os abetos, né?

Orador A: Tem sim.

Orador C: Pra fazer a tampa.

Orador A: O abeto é lindo, né?

Orador C: É.

Orador A: O abeto é lindo, né?

Orador C: Esse abeto riscado.

Orador A: É lindo riscado, né?

Orador C: É. Tem muita madeira boa aqui.

(música instrumental) [0:09:37 - 00:10:44]

Orador B: O meu pai é violinista, né? E depois ele passou a ser maestro, deixou o violino encostado, pronto pros cupins. E quando eu tinha, já tinha uns seis anos de estudo de piano, me foi dada a liberdade de escolher um outro instrumento e eu, eu vivia, vivi a minha infância toda lá no municipal, que meu pai trabalhava lá, então eu tinha muita intimidade com aqueles instrumentos todos de orquestra e era muito apaixonado por aquelas possibilidades todas, e eu escolhi o oboé.

Orador A: Opa.

Orador B: Porque, não sei por que, porque era um, tinha um som muito penetrante e era um instrumento que dava afinação pra orquestra inteira, então eu com doze anos achava aquilo muito importante, né?

Orador A: O máximo.

Orador B: Assim. E por uma sorte enorme, né? Porque eu não me imagino sendo um oboísta,

hoje em dia.

Orador A: Nem eu.

Orador B: Uma vez eu tava andando de carro com meu pai e, e começou a tocar uma sonata de (inint) [00:11:38] pra violoncelo e piano. Eu falei “ah pai, eu acho que eu vou, mudei de ideia.” Por acaso, tinha um primo meu engenheiro que tinha estudado violoncelo e que tinha um instrumento pequeno, então na semana seguinte eu tive a minha primeira aula de cello. No decorrer da vida e tal, você começa a perceber, é, como esse instrumento inspira, assim, o lado romântico das pessoas, e como nas sinfonias ou nas grandes obras dos mestres aí, quando chega no tema de amor, ou no tema mais romântico é o violoncelo que é escolhido pelo timbre, tem um timbre muito parecido com a voz humana, da corda mais grave até aqui em cima, né? Até os agudos, é justamente a extensão que o ser humano canta, o homem e a mulher.

Orador A: Agora você falou no Branos, então Branos foi sua, é o seu principal...

Orador B: É, na verdade, eu amo a obra do Branos, assim, é, foi o estopim,

Orador A: Certo.

Orador B: é, assim, aquele momento no carro, no Morris cinquenta e um do meu pai, foi, eu me lembro assim, como uma virada de página, né? Assim, deixei o Oboé que já tava até comprado, de lado e virei violoncelista, né? E tem o nosso Vila Lobos, né? Que é a ponte com o Brasil que é era violoncelista, nosso compositor, talvez, mais conhecido mundialmente, né? E as peças dele mais conhecidas são as duas Bachianas que ele fez pra orquestra de violoncelos.

(música instrumental) [00:13:15] [00:13:53]

Orador B: Então. Se ele tivesse a quinta corda, né? Ele teria escrito assim.

Orador C: Cê acha mesmo (inint) [00:14:03]

Orador A: Ah, por que não?

(silêncio e música instrumental) [00:14:04] [00:14:45]

Orador C: Quando se faz uma reprodução a gente procura adequar o verniz ao, ao, ao estilo do autor.

Orador A: Entendi, perfeitamente.

Orador C: Quando eu faço um trabalho a minha maneira.

Orador A: Autoral.

Orador C: Eu escolho o verniz que mais convém.

Orador A: Entendi.

Orador C: Mas de toda a forma é um capítulo à parte na luteria, porque tem várias combinações.

Orador A: Entendi.

Orador C: As resinas que eu uso, são todas resinas de procedência natural, né? Tem os pigmentos, os pigmentos também,

Orador A: É, também, né?

Orador C: Que tem alguns pigmentos de origem mineral, outros de origem vegetal.

Orador A: Vegetal.

Orador C: E assim por diante. Aqui da parte da alquimia que tem um tanto de coisa aqui, tem, de resinas, por exemplo, aqui tem a goma da (inint) [00:15:30] a famosa goma laca que é a mais popular, né?

Orador A: A goma laca é uma loucura. Olha

Orador C: Laca da índia. Temos aqui também a goma sandarac também que é uma resina muito nobre.

Orador A: Olha que incrível.

Orador C: E a parte de pigmentação, né? Oxido de ferro, mineral. Tem a cinquasia que é, que é uma, pigmento vegetal também, né? E muito difícil de conseguir, difícil pra conseguir, quando eu consigo eu tenho que fazer um estoque bom que possa me suprir aí por um bom tempo. Quando a gente faz um verniz a óleo ele seca por oxidação, então ele demora mais.

Orador A: Entendi.

Orador C: Ele precisa do oxigênio pra poder secar.

Orador A: Entendi, absorver a madeira

Orador C: O álcool é por evaporação, né? Ele não é tão nobre igual ao verniz a olho.

Orador A: Entendi, entendi.

Orador C: Mas isso, isso num

Orador A: Não altera

Orador C: Não altera assim não, depende, tem, o Stradivarius mesmo envernizou muito a álcool.

Orador A: É realmente é a parte da alquimia total.

Orador C: Eu tenho tudo aí o que precisa pra poder trabalhar.

Orador A: Incrível, né?

Orador C: É.

Orador A: Sensacional. Muito bom.

Orador C: Bom, aqui é o nascedouro do instrumento, né? Do caso violoncelo. A gente faz essa forma, há um projeto que determina essas curvas.

Orador A: Você...

Orador B: Aí depois a gente monta o bloco superior, o bloco inferior,

Orador A: As laterais.

Orador C: Os quatro cantos, né? A gente cola, faz uma colagem que se chama colagem falsa, porque isso aqui vai ser solto da forma.

Orador A: Vai sair?

Orador B: Depois dobra essas faixas, começando pelos C, né?

Orador A: Pelos C's

Orador C: Eu dobro nessa peça aqui, óh. Vou mostrar um pouquinho aqui, óh, né?

Orador A: Isso é um C, um futuro C?

Orador C: É. É aqui ela vai ser dobrada aqui.

Orador A: O calor vai fazendo ela dobrar.

Orador C: Vai fazendo ela dobrar, (inint) [00:17:42] eu ponho um pano aqui por cima pra poder, né? Aí depois coloca, faz os c's,

Orador A: Ahã.

Orador C: Aí depois faz esse, o ombro, faz o quadril que a gente chama, né? E chega nesse formato.

Orador A: (inint) [00:18:58] uma pessoa.

Orador C: Aí baseado nesse formato que que a gente faz? A gente pega

Orador A: O tampo

Orador C: A gente pega, a gente pega, a gente pega a tampa bruta, coloca aqui por cima, né? Risca, risca.

Orador A: Ahã.

Orador C: Aí corta, faz o, faz o corte

Orador A: Certo.

Orador C: Deixando a, os, a distância dos bordos.

Orador A: Certo.

Orador C: E começa a trabalhar é, no berço.

Orador A: No acabamento frontal, né?

Orador C: Depois faz todo o acabamento, com as raspilhas, com os raspadores. Faz a virada do bordo. Tudo isso.

(música instrumental) [00:18:35] [00:20:00]

Orador B: Eu tive uma formação acadêmica dentro do mundo da música erudita e comecei a estudar violoncelo com doze anos, com quatorze eu já estava na juvenil do municipal. Mas eu ao mesmo tempo que tocava lá na orquestra juvenil, eu tocava baixo num conjunto na escola, eu já tava ligado em música popular, então, pra mim sempre foi uma grande mistura, é, todo o aprendizado que eu tenho de música clássica me serve muito na música popular, na, na área de arranjo e tudo e como instrumentista também. Mas sempre foi muito paralelo, assim, essa minha dedicação. Eu acho que, assim, mesmos pros grandes músicos que teoricamente só se dedicam a música popular, música é uma coisa só, né? Num tem, num tem tantas fronteiras, eu acho que as fronteiras são criadas por aqueles que tem limitações, assim, que num tem capacidade de abraçar a música como um todo.

Orador C: Vou pegar essa viola aqui enquanto eu tô fazendo aqui. Aqui são facas né, são três tamanhos de faca que eu uso, mas a menorzinha pra, eu uso muito pra fazer cavalete. Esse por aqui, por exemplo, é um filetador, aqui tem uma lâmina, que se regula aqui e ela vai abrir o sulco

Orador A: (inint) [00:21:28] se marca o filete.

Orador C: A gente abre o sulco do filete, depois vem com essa ferramenta aqui e tira o miolo do filete. Tira o miolo. Aí abre o sulco todo, né? Aí depois a gente vai incrustar o filete aqui. Esses formões aqui, hoje são considerados as melhores ferramentas do mundo. São ferramentas japonesas. Essa, esse formão aqui, por exemplo, ele não é usinado, de madeira usinada. Ele é forjado a mão. Ela segue uma tradição dos samurais que faziam aqui a têmpera do aço das espadas samurai, com a extinção dos samurais, eles passaram a ser ferramenteiros e são considerados no mundo aí como os melhores ferramenteiros do mundo. Esse jogo de formões aqui, é, japonês. Esse eu uso há muitos e muitos anos. Aqui apontador de cravelha, a gente como apontador mesmo, a gente mete a cravelha aqui, a ponto pra poder fazer

Orador A: Olha, apontador.

Orador C: (inint) [00:22:34] depois dá os devidos acabamentos, né?

Orador A: Incrível.

Orador C: Aqui o jogo de goiva suíço, de goiva suíças, esse modelo é muito popular na Europa, muita gente, muito artesão usa. Até marcenaria, tem muita coisa que a gente herda da marcenaria, né? (música instrumental) [00:22:49] [00:23:38]

Orador C: A gente nunca sabe o resultado final, porque num existe uma madeira é, cem por cento similar a outra. A menor diferença ali numa altura, na espessura da madeira

Orador A: Já faz uma...

Orador C: Na densidade da madeira, já faz uma diferença. Da combinação tampa e fundo, tem, são muitas coisas envolvidas.

Orador A: É.

Orador C: Então, é difícil a gente prever

Orador A: É verdade.

Orador B: com precisão assim. O que a gente faz é procurar fazer o melhor possível. Agora, o resultado é sempre uma surpresa. Esse aí não tem como fazer diferente não.

Orador A: Isso que é como manter, esse é o que mistério

Orador C: Esse é que é o mistério que é bom.

Orador A: É o mistério que alimenta.

Orador C: Eu acredito muito, assim, nessa questão energética mesmo, sabe, da gente buscar, parece que a gente passa alguma coisa assim que tá, que tá fora da lógica, vamos dizer assim, da razão, né?

Orador A: Perfeito. Isso.

Orador C: É como o músico que interpreta um autor, por exemplo, ele nunca vai tocar do mesmo jeito, ele pode tocar quinhentas mil vezes que cada vez que ele tocar vai sair alguma coisa diferente.

Orador A: Vai sim.

Orador C: No andamento, no ritmo, no fraseado, não tem como você fazer, ainda bem que é

assim.

Orador A: É, não, é incrível.

Orador C: É isso que extingue a arte do, das demais atividades, né?

Orador A: Você foi muito bom hein? Foi de uma linha reta, né?

Orador B: Foi.

Fim da Transcrição [00:26:10]